

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa
Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Lopes Bresciani

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



5

Emiliana Faria Rosa

“E SURDO PODE FAZER ISSO?”:

**DISCENTES DA DISCIPLINA DE LIBRAS E O
(DES)CONHECIMENTO SOBRE VIVÊNCIAS,
CULTURAS E IDENTIDADES SURDAS**

INTRODUÇÃO

Este artigo é livremente baseado em aproximadamente 14 anos de prática docente em universidades. Em todos os semestres do referido tempo acima sempre houve alunos curiosos, com dúvidas ou ainda ideias controversas sobre o poder/não poder/conseguir/não conseguir de ações, atitudes, experiências na e da vivência surda. “E surdo¹⁷ pode isso, professora?” é uma pergunta recorrente e que flutua de tema para tema dentro dos aprendizados sobre surdos na disciplina de Libras em uma sala de aula na universidade.

Quantos alunos chegam a nós sem saber nem mesmo o que é Libras? Quantos nunca conheceram uma pessoa surda? Quantos alunos um dia ouviram alguém dizer ‘para de olhar’, ao ver um surdo sinalizando? A sociedade tem diferentes formas de recepção da língua de sinais e das culturas surdas, basta ver como cada um pensa sobre isso.

Por objetivos, este artigo pretende trazer esclarecimentos de algumas dúvidas mais comuns de alunos da disciplina de Libras por meio de explicações teóricas envolvendo temáticas como língua de sinais, identidades, culturas e vivências surdas.

Para tanto, a metodologia será de base teórica a fim de relacionar tais dúvidas aqui citadas aos conteúdos relacionados, auxiliando à elucidação do que se precisa. Utilizarei autores como Skliar (2003), Sacks (1998), Perlin e Miranda (2003), Lopes (2007) e Silva (2012) quando se tratar de surdos, culturas e identidades; Lane, Hoffmeister & Bahan (1996), quando se tratar de língua de sinais e sua relação com surdos e culturas. Observo que alguns fragmentos aqui utilizados como material teórico foram retirados de minha tese de doutorado.

17

Usarei neste texto a palavra surdo para referenciar a pessoa surda, independente do gênero.

Como resultado, o leitor/aluno vem a compreender que 'poder/não poder' é mais do que acreditamos ao que se constitui. Que, independentemente de ser ou não surdo, ter, ser, poder, conseguir são verbos possíveis para uma quebra de paradigmas e possíveis de serem usados para saltos diários na vida de todo dia.

O QUE VOCÊS ACHAM SOBRE...

Para exemplificar teorias dentro da disciplina de Libras, costumo partir do (des)conhecimento prévio dos alunos, para que, assim, possa definir um caminho, intuitivamente, levando-os a observarem e aprenderem mais sobre tantos contextos com esse ponto de partida.

Proponho, dessa forma, que alunos escrevam três palavras que se relacionem com o que eles pensam sobre Libras e surdos; em um segundo momento, pergunto se mudariam alguma dessas três palavras, justificando-se. Geralmente essa atividade é feita ao final do semestre, após a turma já ter tido debates sobre os temas; ou pode ser feita em duas partes, seguindo as duas partes que aparecem na atividade, sendo uma no início das aulas e, a segunda, após as aulas teóricas. Abaixo, cito algumas das palavras que mais aparecem nos trabalhos dos alunos sobre o que eles pensam, antes das aulas teóricas.

Quadro 1 - Palavras recorrentes em sala de aula.

▪ Linguagem de sinais	▪ Difícil	▪ Preconceito
▪ Linguagem de gestos	▪ Complexa	▪ Limitação
▪ Surdo-mudo	▪ Sofrimento	▪ Língua única
▪ Perda	▪ Mudo	▪ Isolamento
▪ Não-ouvinte	▪ Deficiente	▪ Estranho
▪ Dificuldade	▪ Inclusão	

Fonte: Elaboração da autora.

As palavras acima mudam na segunda parte, muitos ou quase todos os alunos se corrigem e justificam as mudanças. É altamente satisfatório observar as mudanças e justificativas, percebendo a compreensão e aprofundamento do conhecimento por parte dos alunos.

Surgem, seguindo esse traçado, perguntas sobre os temas debatidos em aula como culturas surdas, surdos, identidade, vivência surda, entre outros; temas que quase sempre ainda geram dúvidas ou ideias controversas. Cito algumas destas perguntas abaixo:

- O surdo pode dirigir?
- O surdo pode morar sozinho?
- O surdo pode casar?
- Como o surdo trabalha?
- O surdo pode viajar? O surdo pode viajar sozinho para outro país?
- O surdo precisa de alguém viajando com ele em avião?
- O surdo consegue dançar como? O que é a vibração?
- O surdo consegue cuidar sozinho dos filhos?
- Como o surdo acorda sozinho?
- O surdo consegue ser atendido no médico?
- Como o surdo consegue sentir?
- O surdo consegue aprender outras línguas orais/de sinais?

Fonte: Elaboração da autora.

São várias perguntas como estas, algumas ainda se desdobram em outras. Para algumas pessoas, tais perguntas podem parecer facilmente respondidas, para outras, nem tanto. São muitas as questões que a sociedade, inúmeras vezes, não sabe responder ou responde de forma equivocada, uma vez que não conhece verdadeiramente o cotidiano de uma pessoa surda.

Para que isso se desfaça, para que as pessoas possam entender facilmente que ser surdo é uma questão de diferença e não de deficiência, é preciso que se multiplique a compreensão das formas

de vida surda e tudo a que isso se refere. Sendo assim, abaixo compreenderemos alguns conceitos e características sobre os temas correspondentes às dúvidas acima citadas.

SURDOS

O surdo pertence a uma comunidade que dispõe de uma cultura e uma língua, a língua de sinais. É um indivíduo que possui uma identidade ou várias, dependendo do contexto vivenciado e das culturas com as quais interage. As marcas identitárias podem vir de uma ou várias trajetórias referentes ao meio em que estão e de suas necessidades momentâneas.

Ser surdo, nascer surdo, põe a pessoa numa situação extraordinária; deixa-a exposta a uma gama de possibilidades linguísticas e [...] a uma gama de possibilidades intelectuais e culturais que o resto de nós, como falantes naturais [...] mal podemos começar a imaginar (Sacks, 1998, p. 135).

Vemos culturas surdas e a língua de sinais, por vezes, negadas pela sociedade, que se volta para o lado patológico/clínico e não para o lado cultural e identitário do surdo. Essa língua proporciona a construção da identidade além do fortalecimento da comunidade e cultura surda, aproveitando as múltiplas possibilidades da cultura visual.

O surdo identifica-se no encontro com outros membros da comunidade surda; identifica-se como surdo e cidadão com direitos e deveres como qualquer pessoa da sociedade. Tem-se o pensamento de que tanto o surdo molda a identidade quanto a identidade molda o surdo, através de contextos históricos, sociais, familiares, educacionais e linguísticos.

De acordo com Lopes (2007), qualquer escolha identitária acontecerá a partir de interpretações e representações, por meio de um conjunto de justificativas que se escolhe para manter as formas de entender o que se é e o que o outro é.

Figura 1 – Tirinha That deaf guy.



Fonte: Disponível na internet¹⁸.

Como sentir falta de algo que nunca se teve ou que não se lembra de ter tido? Dificilmente isso seria viável. O sujeito surdo não ouve e não dá importância a isso, colocando a experiência visual e a língua de sinais como prioridade (Rosa, 2013).

Como costumo dizer, acredito que a língua de sinais é o mais visível e influente traço identitário e cultural na constituição da pessoa surda. Mudanças comportamentais observadas são baseadas em elementos presentes na língua e na interação, em várias combinações. Tais combinações acontecem principalmente entre sujeito, língua, sociedade e cultura (Rosa, 2021).

O combinar, o viver, é um meio de experiência, de participar de um ambiente e nele interagir. A combinação dita aqui refere-se às possibilidades interativas diversas que acontecem em diferentes locais e seus correspondentes momentos.

18

Disponível em: <http://www.thatdeafguy.com/>. A tradução foi encontrada na internet sem referência ao tradutor.

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (Perlin; Miranda, 2003, p. 218).

Skliair (1999) coloca que devemos entender o surdo e sua vivência como uma experiência e uma representação visual; ou seja, valorizar uma perspectiva cultural e não clínica. Deixando de focar no ouvido (o lado clínico) para focar na experiência visual da pessoa surda. Assim, “[...] queremos destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que inventamos ser surdos acolhendo a narrativa das identidades essenciais de ser” (Perlin; Miranda, 2003, p. 219). O surdo se identifica e quer ser identificado como surdo, justamente por conta dessa perspectiva aqui citada.

Sobre os termos deficiente auditivo e surdo-mudo, enquanto o primeiro é um termo usado para pessoas que ouvem parcialmente, ou ainda por pessoas que não ouvem, mas não participam da comunidade surda e/ou não utilizam a língua de sinais; o segundo é um termo que caiu em desuso, haja vista as fartas pesquisas provando que o surdo não é mudo, uma vez que muitos surdos não têm problemas com órgão fonador. Nota-se que, mesmo não tendo problemas com o órgão fonador, falar é algo muito complicado sem o retorno auditivo, ou seja, ouvir.

Observam-se algumas particularidades, é preciso lembrar que o surdo não pode ser caracterizado de forma generalizada, temos surdos bilíngues, oralizados, sinalizantes, surdo-cegos, autistas... Temos surdos que tiveram aquisição precoce ou tardia da língua de sinais ou foram privados desta língua ou mesmo que nunca interagiram com outro surdo ou que não usam a língua de sinais,

mas sim a oralização/leitura labial... Particularidades percebidas na comunidade surda fazem com que o surdo tenha formas de viver, comunicar-se, aprender e interagir diferentes.

IDENTIDADES

Identificar-se corresponde à proximidade de alguém que possui ideias, costumes e língua semelhantes aos seus próprios. Dentro de uma sociedade, a diversidade de identidades escolhidas, assumidas, impostas, oprimidas ou favorecidas pode ser caracterizada por opções por uma linguagem, por hábitos, jogos, pensamentos, raciocínio, sentimentos, desejos e ações compartilhados (Rosa, 2009).

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada ou idêntica. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada, modificada a cada situação. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (Silva, 2012, p. 96-97).

Durante muito tempo, a identidade do surdo foi reprimida na sociedade. Os surdos não tinham a liberdade de expor sua cultura e muito menos sua língua. A identidade surda poderia ser reprimida por médicos, familiares e escolas, que buscavam, e muitas vezes impunham, formas de normalização por meio de, por exemplo, treinamento fonoaudiólogo, próteses ou implantes, na esperança, sem fundamento, de transformar surdos em ouvintes.

Segundo Lopes (2007), essas relações de poder, empoderamento e resistência acontecem por uma negociação de significados. Negociação que se dá pela convivência, interação e participação social. É questão de compreender que, ser surdo, descobrir-se enquanto surdo, é a primeira diferença que aproxima ou afasta sujeitos sociais

Identidade é, de forma generalizada, uma forma de identificação com seus pares. Um identificar-se com outras pessoas que possuem características e cotidianos parecidos ou iguais aos seus. O surdo se identifica com outros surdos, suas histórias, experiências, conhecimentos, sua língua; especificamente a língua de sinais.

As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular (Hall *apud* Silva, 2012, p. 130).

São vários os fatores que interferem para modificar a identidade: valores, língua, costumes, religião, trabalho, família, idade, escolaridade, informação, participação, entre outros. Especificamente para os surdos esses fatores constroem uma “constituição de dinâmicas de poder: identidade, língua de sinais, comunidades surdas, cultura surda, artes surdas” (Perlin; Miranda, 2003, p. 220).

Neste caso, devemos observar a importância da produção narrativa coletiva nos movimentos sociais, que permite, partindo da conexão das diferenças, construir – com palavras e linguagens próprias – a autodefinição de identidades comuns e quebrar o silêncio imposto por sistemas discursivos essencialistas e excludentes (Costa, 2007, p 111).

Observamos assim que o surdo passa por mudanças sociais, linguísticas e individuais, sofrendo influência do meio ao se relacionar com os demais. O identificar-se com o outro, o encontro surdo-surdo é a forma mais abrangente da valorização do surdo como pessoa.

CULTURAS

O ser humano é caracterizado por ser *Homo sapiens*, o homem que sabe que sabe; que sabe da importância da troca, do convívio, do outro e de sua importância na sociedade. A língua está vinculada à cultura, como elemento divulgador das especificidades da vida de um grupo de pessoas. Afinal, aprende-se que cultura é o fazer humano passado de geração a geração através da linguagem (Rosa, 2013).

Uma língua está para a cultura assim como a identidade está para a interação humana e a evolução do pensamento. Tem-se, assim, que a língua de sinais é parte da cultura surda; a língua, “[...] pode ser tratada como produto de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura, é uma parte da cultura, constitui um de seus elementos, entre outros” (Lévi-Strauss, 2008, p. 80).

Língua e cultura são, pois, fatores essenciais na construção da identidade e fundamentais para o entendimento das múltiplas identidades assumidas pelo surdo em relação ao que a ele se apresenta.

A cultura surda é apreendida e aprendida no convívio, na educação (familiar, escolar ou em outro meio social), nas vivências e convivências com o outro (Rosa, 2013). O surdo interage com o mundo através de sua experiência visual e manifesta sua cultura principalmente com o uso da língua de sinais.

Para que tenhamos essa valorização cultural e linguística da língua de sinais, e, por conseguinte, da cultura surda, é preciso, segundo Thoma (2004, p. 58), entender os surdos como sujeitos culturais “constituídos de traços identitários múltiplos, com exclusões sociais, históricas e políticas que não são, senão, determinadas pela lógica moderna de estabelecimento da ordem das coisas”.

A comunidade surda luta desde sempre por melhorias, por valorização, pela construção de possibilidades educacionais e sociais, pelo respeito em prol da língua de sinais. A busca por valorização e empoderamento da pessoa surda tem, como um dos elementos formadores, as culturas surdas, sim, plural, já que são várias culturas que se apresentam dentro da comunidade surda.

LÍNGUA DE SINAIS

Libras. Língua Brasileira de Sinais. A Libras é uma língua, não uma linguagem. A língua de sinais se insere nos princípios postulados por Saussure (2002, p. 17), quando diz que a língua não se confunde com a linguagem, é uma parte essencial dela. “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Para considerar a Libras como língua natural, é preciso que se diferencie língua e linguagem, diferença que, no inglês, está contida numa só palavra: language. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as pessoas usam a palavra linguagem para especificar vários sentidos, como linguagem corporal, musical e outras possibilidades. Embora relacionadas, o termo linguagem seria mais abrangente do que o termo língua, sendo este mais específico.

Entende-se que a língua de sinais é uma língua como toda e qualquer outra e, portanto, sofre influências e modificações com o que o sinalizante vivencia. Segundo Rosa (2013), é preciso saber que uma língua não se refere somente à comunicação ou transmissão de conhecimentos: para o surdo, a língua de sinais equivale à sua parte fundamental de vivência.

É preciso saber que uma língua não se refere somente à comunicação ou transmissão de conhecimentos: para o surdo, a língua de sinais equivale a uma parte fundamental dele mesmo. Equivale à naturalidade de ser e estar em um ambiente em que ele possa se identificar, sem precisar requerer seu direito linguístico de usar sua língua natural, a língua de sinais. Ser e Estar. Ser alguém. Estar num lugar. Pertencer ou não pertencer a um ambiente social e cultural. Ser sujeito dotado da possibilidade de estar, de conviver, de viver (Rosa, 2013).

A Libras, reconhecida como uma marca cultural articulada à comunidade surda, ocupa espaços nos quais pessoas surdas interagem, promovendo um maior alcance do papel multiplicador de percepção do valor cultural e linguístico da língua de sinais (Rosa, 2022).

A aquisição da linguagem, numa sociedade desigual, é enfatizada por Mendes (2010, p. 54):

Deve partir do princípio de que estamos imersos em ambientes sociais, culturais, históricos e políticos específicos, e que como tais devem ser considerados; repensar a aquisição da linguagem considerando seus diferentes contextos de ocorrência, a raça, o gênero e outras relações de poder e desigualdade; considerar o indivíduo como múltiplo, multifacetado, multidiscursivo.

Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) apontam que a língua tem três papéis na ligação entre os falantes/sinalizantes dela e sua cultura: a marca de uma identidade social, um meio de interação social e um repositório do conhecimento cultural. Os autores definem também a língua de sinais como meio de interação social na vivência dos surdos, o que nos leva a pensar que muitas crianças surdas só terão interação social quando encontrar a língua de sinais, “[...] esse encontro, não só fornece uma base para a identificação com os membros de uma cultura, [...] também permite a comunicação completa e fácil pela primeira vez” (Lane; Hoffmeister; Bahan, 1996, p. 68-69, tradução da autora).

A língua de sinais é uma língua natural existente na modalidade visuoespacial, ou seja, a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos; assim, tem-se que “[...] as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e distingue dos demais sistemas de comunicação [...]” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30). E ainda:

Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês, etc.) ou modalidade visuoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa, etc.) (Quadros; Karnopp, 2004, p. 24).

Segundo Rosa (2013), a Libras, por conseguinte, terá valor de língua de interação, comunicação e troca de informação uma vez que, por meio dela, o surdo colocará ao mundo quem ele é, qual sua cultura e seus saberes linguísticos, entre outras possibilidades. Tem-se assim a língua de sinais como língua que dispõe ao surdo a possibilidade de expandir horizontes e perceber a diversidade do mundo que o rodeia.

E COMO RESPONDER ÀQUELAS PERGUNTAS E PALAVRAS?

Responder às perguntas e comentar (e corrigir) as palavras citadas pelos discentes pode ser tarefa mais fácil após compreenderem o que aqui foi esclarecido. É preciso que os alunos conheçam como é a realidade do surdo por e pelos textos e explicações da própria comunidade surda. É preciso que os alunos reconheçam o quanto a sociedade pode distorcer questões fundamentais sobre tudo isso.

Dessa forma, podemos responder aos alunos que os surdos possuem uma vida igual a qualquer pessoa. Obviamente, há algumas diferenças culturais e linguísticas. Podemos conversar com os discentes que o surdo vive, interage, utilizando suas habilidades linguísticas e sociais. E isto não é o que todos fazemos?

Sugiro que o leitor volte às palavras e perguntas, creio que certamente conseguirá corrigir ou respondê-las. Por exemplo, pegando uma das expressões do Quadro 1: Linguagem de sinais/linguagem de gestos - deve ser corrigida para língua de sinais. A justificativa: Libras é uma língua, com toda estrutura e gramática tal qual qualquer língua oral.

E as perguntas? Podemos dizer que a resposta seria afirmativa para todas as perguntas do Quadro 2. Observo que, para algumas coisas acontecerem, é preciso de estratégias, como, por exemplo, ir ao médico (haverá intérprete de Língua De Sinais? O médico escreverá o que for falar?).

Em algumas situações, temos o uso de artefatos e/ou estratégias, como: escrever para ser entendido e entender algo, uso de central de intérpretes, já disponíveis em alguns locais, chamadas de vídeo pelo celular/tablet, campanha luminosa nas residências, carteira de identidade e de habilitação com o símbolo da surdez, babá eletrônica com vídeo e vibração, amplificadores de som para recepção de vibração, entre outros.

Há muitas possibilidades a favor da vida do surdo. “Uma parte da adaptação social ao seu ambiente físico e social. Alguns costumes são adaptações bastante transparentes, enquanto outros parecem, no entanto, mais arbitrários” (Lane; Hoffmeister; Bahan, 1996, p. 72, tradução da autora).

O compreender da naturalidade da vida surda não é algo pronto, estável ou finalizado. É algo que passa por modificações contínuas e só estará consolidado quando constituir o total

esclarecimento, por parte da sociedade, do conjunto que inclui conhecimento, arte, lei, costumes e outras habilidades ou atitudes conquistadas pelos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste artigo pretende-se ressaltar a importância das discussões em sala de aula sobre temas recorrentes e essenciais, como língua de sinais, culturas surdas, identidades surdas e vivências surdas, visto que, a cada nova turma, novos e velhos questionamentos ressurgem. Conversar, indagar, explicar, instigar à busca do conhecimento faz parte da relação ensino-aprendizagem que temos todos os dias em sala de aula.

É preciso que esclareçamos significados, termos, conteúdos, para que os alunos possam compreender mais do que a prática da língua de sinais. Possam compreender a variedade de formas de vida cotidiana presentes na sociedade e, obviamente, compreender a participação do surdo nesta sociedade.

Aqui se exemplificou, através dos temas tratados, tanto as perguntas quanto as palavras que mais aparecem nas atividades dos alunos, fazendo com que novos alunos e qualquer pessoa compreendam a forma de viver do surdo. Viver, interagir, aprender, ser. Os surdos são diferentes, são iguais, tal qual cada um de nós. Cada ser possui um universo particular e um universo social. O que nos diferencia? O que nos iguala? Nós mesmos, e todas as conexões que fazemos todos os dias.

Para finalizar, e você, leitor? Quais as três palavras que pensava sobre surdos e língua de sinais antes de ler este texto? E agora? Você modificaria alguma? Não esqueça de justificar.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Marisa. *Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade*. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos investigativos II**. Novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- LANE, Harlan; HOFFMEISTER, Robert; BAHAN, Ben. **A journey into the Deaf-world**. San Diego, California: DawnSignPress, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MENDES, Edleise. *Por que ensinar língua como cultura?*. In: SANTOS, Percília; ALVAREZ, Maria. **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas: Pontes Editora, 2010.
- PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003.
- QUADROS, Rolnice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROSA, Emiliana Faria. **A identidade do Surdo, pesquisado na Pós-Graduação em Linguística**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ROSA, Emiliana Faria; BARBOSA, Felipe Venâncio. *Análise da produção sinalizada de pessoas surdas com diagnósticos psiquiátricos*. In: FERNANDES, Leandro Andrade; MARQUES-SANTOS, Lucas Eduardo (Org.). **Cenários atuais dos estudos linguísticos da Libras**. Tutóia, MA: Diálogos, 2021.
- ROSA, Emiliana Faria. *O compreender da vivência surda através de temáticas essenciais presentes em filmes de/sobre surdos*. In: RODRIGUES, José Raimundo; OLMO, Katuscia Gomes; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa (Org.). **Os surdos e a sétima arte: representações, perspectivas, problematizações desde outras flutuações**. Itapiranga: Schreiben, 2022.
- SILVA, Tomas Tadeu da. *A produção da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, Carlos. *A invenção e a exclusão da alteridade 'deficiente' a partir dos significados da normalidade*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 1999.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não tivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

THOMA, Adriana da S. *A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema*. In: THOMA, Adriana da S.; LOPES, Maura C. (Org.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 56-72.